

ELEMENTOS DA ORALIDADE NO INPUT DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA

Sirleide Dias da Silva
(Uesb)

Adriana Stella C. Lessa-de-Oliveira^{*}
(Uesb)

RESUMO

Objetivamos aqui investigar marcas fonológicas da oralidade na aquisição da escrita, com base na hipótese inatista de aquisição da linguagem. Através de investigação empírica, via análise de corpora constituídos de dados orais e escritos, procuramos evidências para as seguintes hipóteses: a) há elementos da oralidade na constituição do input de aquisição da escrita; e b) tais elementos estão relacionados ao acréscimo e à diminuição de grafemas, constituindo quatro processos: síncope, monotongação, apócope e ditongação. Os resultados confirmam essas hipóteses, pois indicam um paralelismo entre os processos de aquisição da oralidade e da escrita no que diz respeito a esses quatro processos fonológicos.

PALAVRAS CHAVE. Aquisição da Linguagem; fonologia; inatismo; input.

INTRODUÇÃO

A fala é anterior à escrita. Todo ser humano, dentro da normalidade, tem a capacidade de falar. Já a escrita é adquirida, não sendo, pois, de acesso a todos. Pode-se dizer que a escrita é um sistema mais abrangente que implica os atos de pensar e planejar, ao contrário da fala que é proferida mais prontamente, é mais imediata, não havendo tempo para planejamento, o que faz com que, a repetição de um mesmo item lexical, o acréscimo ou supressão de grafemas das palavras se torne algo normal no processamento da informação pelo ouvinte.⁴

^{*} Aluna do Curso de Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino do Português, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, sirleided.silva@bol.com.br.

^{**} Doutoranda em Linguística (Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP); Professora de Linguística (Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – UESB), e-mail: adriana.lessa.de@uol.com.br .

⁴ Ver Kato (1995).

Diante disso, a língua oral e a escrita são duas modalidades diferentes da linguagem, e, por isso, pode-se dizer que nem a escrita é uma representação fiel da fala, nem a fala é uma representação fiel da escrita, pois tanto uma como a outra carregam características próprias. Entretanto, isso não é considerado por uma boa parte dos professores de língua materna, que, em grande parte dos casos, conhecem pouco as pesquisas e teorias linguísticas.

O presente trabalho propõe, então, analisar algumas produções escritas de alunos do ensino fundamental, verificando se existem processos da oralidade funcionando como elementos do *input* de aquisição da escrita. De acordo com as hipóteses aqui propostas, esses processos colaboram para a inserção ou supressão de grafemas das palavras durante a aquisição da escrita. Focalizamos aqui quatro processos fonológicos que constituem esse fenômeno: síncope, apócope, monotongação e ditongação.

Como fundamentação teórica este estudo toma a teoria inatista de aquisição da linguagem. São enfocados pontos significativos tais como: gramática universal, capacidade inata de aquisição da linguagem, diferenças e semelhanças entre linguagem oral e escrita, bem como a influência que a escrita recebe da oralidade. Em seguida é feita uma análise dos dados concentrada na observação de possíveis relações entre oralidade e escrita no que diz respeito aos quatro processos supracitados. A análise feita vai apontar um paralelismo entre características da oralidade e os processos, aqui investigados, que ocorrem durante a aquisição da escrita.

Nos anos 60, o linguista americano Noam Chomsky apresentou uma hipótese para explicar a universalidade linguística. De acordo com esse autor, uma série de importantes características da linguagem vêm prontas em nossos cérebros como parte de nosso patrimônio genético quando nascemos, e, portanto, nascemos já sabendo como pode ser uma língua humana, no que diz respeito aos pressupostos básicos gerais das gramáticas naturais. Essa hipótese passa a ser conhecida como inatismo.

Assim, com base nessa ideia, a língua é um sistema de conhecimento interiorizado na mente humana. Levando em consideração essa afirmativa, Chomsky cria o programa de investigação da Gramática Gerativa, cuja

principal função é saber como é que a linguagem se desenvolve na mente do homem, estando a criança exposta a um estímulo relativamente pobre. Dessa forma, Chomsky resgata o problema de Platão (argumento antes tratado por Chomsky como “pobreza de estímulos”), que pode ser apresentado com a seguinte pergunta: *Como pode o homem aprender tanto, tendo acesso somente a fragmentos da realidade?* (cf. CHOMSKY, 1986)

A solução dessa pergunta, para Chomsky, só pode ser uma:

Se os dados primários são insuficientes para explicar o sistema de conhecimento final, então é necessário concluir que a mente humana põe à sua disposição um conjunto de princípios linguísticos complexos... (RAPOSO, 1992, p. 39)

Raposo (1992) explica que o falante adulto possui conhecimentos sobre a sua língua, sem contudo existir evidências que possam ser determinadas pelo meio ambiente linguístico durante o curso normal do processo de aquisição, com ou sem a aplicação de mecanismos de associação, generalização. Esse conhecimento é atribuído ao mecanismo inato, guia e determinante da aquisição e desenvolvimento da linguagem, que recebe o nome de gramática universal (GU). A GU reúne os princípios, que são encontrados na construção das sentenças em todas as línguas e devem, por isso, ser parte de nosso patrimônio biológico, geneticamente registrado. Segundo Miotto et al (2004), a GU é um quadro do estágio inicial da aquisição (S₀) e o seu produto seria o estágio final⁵ (S_s), em outras palavras, o estágio em que a criança apresenta uma gramática próxima à dos adultos ao seu redor.

É importante ressaltar, entretanto, que a concepção racionalista, na qual Chomsky se inscreve, não nega o papel do meio ambiente na aquisição da linguagem. Sobre isso, Eduardo Raposo afirma:

A fala das pessoas que rodeiam a criança e as suas experiências verbais são determinantes para iniciar o funcionamento do mecanismo de aquisição, sem no

⁵ O autor explica que em termos linguísticos é bastante complicado falar em estágio final do conhecimento, sendo mais plausível admitir que a gramática atinja um estágio de estabilização (cf. MIOTTO, 2000, p. 35).

entanto, determinar as propriedades finais atingidas pelo sistema gramatical. Ou seja, sem estar imersa num ambiente linguístico, uma criança não aprende falar. Em segundo lugar, os meios linguístico, emocional e educativo, são fatores que determinam o grau de desenvolvimento da linguagem pela criança sem que isso signifique, de novo, que determinem a direção do desenvolvimento ou conteúdo final do sistema (RAPOSO, 1992, p. 36).

Enfim, a GU está, de acordo com essa teoria, na base do processo de aquisição da linguagem tanto oral como escrita, mas o *input* tem um papel específico e de grande relevância nesse processo. É no *input* que a criança encontra as informações de que precisa para marcar os valores dos parâmetros da GU, configurando as especificidades da gramática que está adquirindo. Isso vale não só para aquisição da oralidade, mas também para aquisição da escrita. Entretanto, existem especificidades peculiares aos sistemas da oralidade e da escrita, que podem interferir no processo de aquisição de cada sistema.

Segundo Kato (1995a), a fala e a escrita podem apresentar diferenças formais e funcionais. No que concerne às diferenças funcionais entre oralidade e escrita, Kato afirma que a distribuição entre as atividades dessas duas modalidades muda com a evolução histórica e a mesma variação encontrada nessa evolução pode ser vista sincronicamente nas sociedades altamente letradas e possivelmente nas nações em vias de letramento, sendo que, nesses casos, a distribuição é determinada pelas diferenças sociais funcionais e pela variação individual.

Sobre as diferenças formais, Kato (1995a) observa que a linguagem escrita não pode ser definida como um conjunto de propriedades formais, invariantes, e distintas das da linguagem falada. Elas acontecem pelas condições de produção e de uso da linguagem. Portanto, no interior tanto da língua oral quanto da língua escrita, há uma múltipla variação. O que determina as diferenças formais entre as duas modalidades são as diferentes condições de produção: a dependência contextual, o grau de planejamento e a submissão consciente às regras prescritivas convencionalizadas para a escrita. A autora explica que a dependência contextual determina o grau de

explicitação textual, isto é, o seu grau de autonomia. O grau de planejamento determina o nível de formalidade, que pode ir do menos tenso (casual ou informal) até o tenso (formal, gramaticalizado).

Quando se fala da influência que uma pode exercer sobre a outra, Kato (1995a) afirma que a fala e a escrita são parcialmente isomórficas, mas que, na fase inicial, é a escrita que tenta representar a fala, e que, posteriormente, acontece o inverso, também de forma parcial.

Embora a aquisição da escrita não seja um processo plenamente inato, pelo menos como o é a aquisição da fala, Kato sustenta a ideia inatista de que, assim como na fala, a GU está norteando também a aquisição da escrita.

O que podemos dizer, a partir dessa tese, é que, se as línguas particulares são realizações de um mesmo esquema abstrato (gramática universal) e se a linguagem escrita pode ser definida como um conjunto de opções dentro da gramática particular, suas formas são também limitadas e previstas pelo mesmo esquema. (KATO, 1995a, p. 101).

Em Kato (1995b), essa autora procura chegar a uma explicação inatista a respeito da natureza do conhecimento linguístico do letrado e de como ele atinge esse conhecimento e faz uma análise comparando a aquisição da escrita à aquisição de segunda língua L2 para propor que a gramática da escrita é restrita pelos Princípios e Parâmetros da GU, e o acesso à GU, no caso de aquisição da escrita, se dá através da gramática da fala. Nessa perspectiva, o falante letrado tem, conforme defende a autora, em sua Língua-I⁶, uma periferia marcada maior que a periferia marcada dos não-letrados.

Assim, como pressupostos teóricos serão assumidas, neste estudo, as hipóteses: de que o ser humano vem equipado no estágio inicial com uma gramática (GU) dotada de princípios, pertencentes à faculdade da linguagem, e de parâmetros, a serem fixados em um de seus valores pela experiência por

⁶ Kato (1995b) explica que, de acordo com a proposta de Chomsky (1981, 1986), a Língua-I se define por propriedades invariantes, que definem as línguas naturais, sem as distinguir entre si – os Princípios – e pelas propriedades que dão conta da variação linguística – os Parâmetros.

meio do contato com o *input*; e de que as formas e processos da escrita são também limitadas e previstas pela GU. A partir desses pressupostos, pretende-se investigar aqui se há elementos da oralidade no *input* de aquisição da escrita, considerando que a aquisição da escrita é norteadada pelo mesmo esquema abstrato (a GU) que está na base da aquisição da fala.

MATERIAL E MÉTODOS

Os *corpora* aqui analisados se constituem de dados mistos: dados de língua oral e dados de língua escrita. O *corpus* oral se forma a partir de gravação, em fita cassete, de entrevistas de 15 alunos que cursam as 6^a e 7^a séries do Ensino Fundamental, em Vitória da Conquista - BA. O mesmo se dá com o *corpus* escrito, pois é recolhido material escrito dos mesmos alunos que têm as produções orais gravadas em fita cassete.

Utilizou-se método também misto de coleta de dados. Os dados de aquisição da escrita foram coletados via método naturalístico/observacional, por meio de produções escritas realizadas previamente durante atividades de rotina na escola; e os dados da oralidade foram coletados em condições preparadas e controladas para se obter as palavras recolhidas na escrita. A escolha de metodologia torna possível análises por meio de comparação que permitem investigar a presença dos elementos orais, em questão, no *input* de aquisição da escrita.

E também a metodologia de análise de dados é mista, pois os dados foram analisados quantitativa e qualitativamente. Tanto uma quanto a outra análise demonstram uma simetria geral entre as modalidades oral e escrita no que diz respeito aos processos fonológicos aqui estudados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

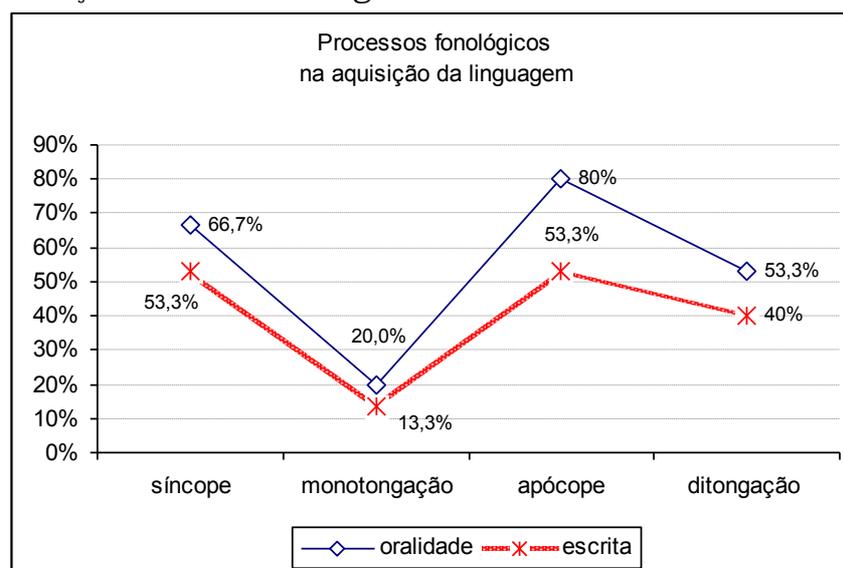
A análise das produções dos 15 informantes selecionados indica que há uma forte presença de elementos fonológicos próprios da oralidade nas produções escritas durante o processo de aquisição. No decorrer da análise, apresentada nesta seção, será demonstrado que a presença de tais

elementos da oralidade nas produções escritas, aqui pesquisadas, se deve ao fato de elementos da oralidade serem também tomados como *input* de aquisição da escrita.

Os processos fonológicos de supressão presentes nas produções escritas se dão ou por diminuição de fonema/grafema no meio da palavra (síncope e monotongação), ou por diminuição de fonema/grafema no final (apócope). Como processo de inserção, aqui, é investigada somente a ditongação.

O gráfico abaixo mostra o percentual de ocorrência de processos de supressão e inserção de fonemas e grafemas nos dados orais e escritos respectivamente:

Gráfico 1 - Percentual de ocorrência de processos de supressão e inserção de fonemas e grafemas nos dados orais e escritos



Pelo que pode ser observado no gráfico, há uma correspondência ou uma simetria entre as duas modalidades, a oralidade e a escrita. Os quatro processos são mais frequentes na oralidade, mas a recorrência desses processos nos dados da escrita produziu a mesma curva observada nos dados da oralidade. Este resultado pode ser interpretado como demonstração de que o processo de aquisição da escrita apresenta, proporcionalmente, a mesma recorrência, verificada na oralidade, dos quatro processos acima apresentados. Ou seja, as crianças, durante a aquisição da

linguagem, têm uma forte tendência para usar, em suas produções orais, processos de supressão e inserção de fonemas, repetindo esse fenômeno durante a aquisição da escrita.

No que diz respeito aos processos por supressão (síncope, monotongação e apócope), na oralidade e na escrita, tem-se os resultados explanados abaixo.

A síncope aparece em 66,7% das produções orais e em 53,3% das produções escritas. Na oralidade foi possível encontrar diversos casos de supressão de fonemas, como por exemplo:

- (1) [kõⁿdu] para quando;
- (2) [súprezu] para surpresa;
- (3) [pra] para para ;
- (4) [tẽnu] para tendo;
- (5) [sẽⁿtĩnu] para sentindo.

Quando foi pedido aos alunos que tentassem reproduzir para a escrita os textos orais, foram encontrados casos como os seguintes:

- (6) **Condo** o príncipe chegou e viu Isabel...
- (7) Aline voltou **pra** casa muito triste.
- (8) A menina teve uma grande **supresa!**

Os dados mostram que a síncope ocorre na produção escrita de crianças, adquirindo essa modalidade de linguagem num percentual bastante próximo ao da oralidade e nos mesmos vocábulos.

A monotongação, ou redução de ditongo, aparece como o processo menos recorrente na oralidade e também na escrita, com um percentual de 20% nas produções orais e 13,3% nas produções escritas. Ou seja, percentuais próximos que contribuem para a simetria geral observada entre as duas modalidades. Essa simetria é também verificada nos dados qualitativos.

Como exemplo, podemos observar que, na oralidade foram encontradas palavras, tais como:

- (9) [apaʃoˈnaðu] para apaixonado;
 (10) [χɔˈba] para roubar;
 (11) [oˈviðu] para ouvido.

Nas produções escritas desses mesmos informantes foram encontradas essas mesmas palavras:

- (12) *Ele estava **apaxonado** por ela.*
 (13) *Ele aprendeu duas profissões: matar e **robar**.*
 (14) *Ele já tinha **ovido** falar.*

Quanto à apócope, embora apresente uma distância maior entre as ocorrências orais e escritas, 80% na oralidade e 53,3% na escrita, esta também não deixa de ocorrer de forma paralela, proporcionalmente, nas duas modalidades. A apócope, juntamente com a síncope, são os processos mais recorrentes tanto na oralidade como na escrita.

Foram registradas supressões finais de fonemas nos dados da oralidade das quais coletamos casos como:

- (15) [pɛχguˈtɔ] para perguntou;
 (16) [ɛˈmɔ] para amor;
 (17) [sɪˈnɔ] para senhor;
 (18) [iaʒiˈna] para imaginar;
 (19) [poˈma] para pomar;
 (20) [akaˈba] para acabar.

Nesses exemplos, os alunos suprimem o fonema final das palavras. Foram registradas supressões finais correspondentes às dos dados acima em produções escritas desses mesmos alunos:

- (21) *Ela **pergunto** para o seu príncipe...*
 (22) *Ele **pergunto** a ela...*
 (23) *Ele já tinha o **amô**...*

- (24) *O homem achava que o monge era o **Senhô**.*
 (25) *Quando chegou a hora de Maria **nadá**, ele disse: - Me segura!*
 (26) *O pássaro que a menina tanto ouvia **cantá**, se transformou num príncipe.*
 (27) *Um casal de gêmeos vivia num lugar de belos rios e bosques que não conseguia **imaginá**.*

A ditongação, um processo de inserção de fonemas, apresenta um número mediano de ocorrências nas duas modalidades, tanto nos dados orais quanto nos dados escritos. Verifica-se, na oralidade 53,3% de ocorrências de ditongação e, na escrita esse processo apresenta o índice de 40% de ocorrências.

Na oralidade registraram-se casos como:

- (28) [ˈnojs] para nós;
 (29) [voˈsejs] para vocês;
 (30) [fajs] para faz;
 (31) [aˈtrajs] para atrás;
 (32) [ˈχapaɹ] para rapaz;
 (33) [ˈvejs] para vez.

Na escrita, foram encontrados os mesmos vocábulos:

- (34) *A minha mãe **fais** muita falta.*
 (35) ***Voceis** pode ir.*
 (36) ***Nois** passa neste rio.*
 (37) *Era uma **veis**...*
 (38) *Ela encontrou um **rapais** e gostou dele.*

Podemos observar que os quatro processos em análise não se verificam nas produções de todos os informantes. Cada aluno apresentou em suas produções orais e escritas um ou, no máximo, dois desses processos. Os corpora apresentaram, então, a seguinte distribuição de ocorrências dos quatro processos em estudo.

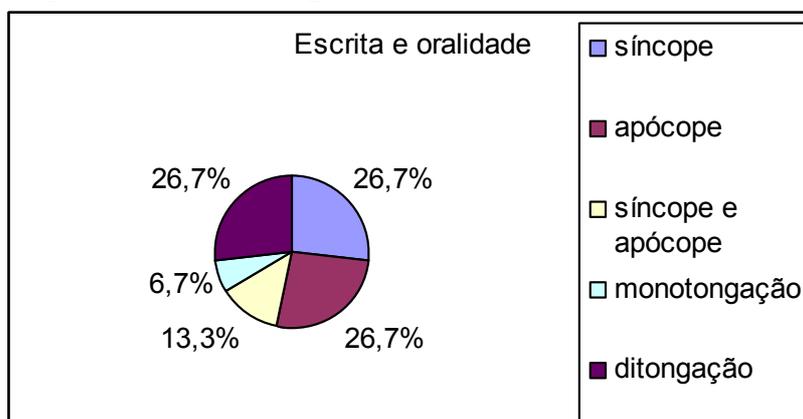
Dos 15 alunos pesquisados:

- 4 alunos realizaram síncope;

- 4 alunos realizaram apócope;
- 2 alunos realizaram síncope e apócope;
- 4 alunos realizaram ditongação;
- E apenas 1 aluno realizou monotongação.

E o mais interessante, essa mesma distribuição se repete na oralidade e na escrita. O gráfico abaixo mostra essa distribuição por informante em percentual.

Gráfico 2 - Distribuição de ocorrências dos processos fonológicos na oralidade e na escrita



Como se verifica no gráfico, o número de alunos que realizaram mais de um processo é o mais baixo, a maioria realizou apenas um desses processos e foi exatamente o processo que aparece nos dados de aquisição da escrita de cada aluno. Esse e os outros dados acima são forte indicio de que no *input* de aquisição da escrita há elementos da oralidade.

Considerando, de acordo com Kato (1995a), que as formas da linguagem escrita podem ser limitadas e previstas pelo mesmo esquema abstrato da oralidade – a GU –, é coerente supor que os quatro processos fonológicos aqui estudados, verificados na oralidade, sejam recorrentes na aquisição da escrita, porque o processo de aquisição dessa modalidade de linguagem também é norteado pela GU.

Além disso, se assumimos com Kato (1995b) que o acesso à GU, no caso de aquisição da escrita, se dá através da gramática da fala, encontramos, talvez, explicação, além do que os dados deste estudo já mostram em termos de presença de elementos da oralidade no *input* de aquisição da escrita, para a forte relação que o aprendiz tem com a língua oral no processo de aquisição da escrita.

CONCLUSÕES

Este trabalho objetivou investigar as marcas da oralidade na aquisição da escrita partindo da perspectiva inatista de aquisição da linguagem. Os resultados encontrados demonstraram a existência de um paralelismo entre os dados orais e escritos nos *corpora* estudados, pois os processos de síncope, monotongação, apócope (supressão) e ditongação (inserção) apresentaram, cada um, percentuais de frequência muito próximos comparando-se os dados orais e escritos e cada aluno apresentou em suas produções orais e escritas um ou, no máximo, dois desses processos, exatamente os mesmos que apareceram em suas produções orais.

Esses resultados confirmaram as hipóteses de que o *input* de aquisição da escrita é composto também de elementos da oralidade e de que existem processos fonológicos (síncope, monotongação, apócope e ditongação) nas produções orais que se relacionam com acréscimo e diminuição de grafemas no processo de aquisição da escrita.

A teoria inatista de aquisição da linguagem sustenta o princípio de que somos dotados de um mecanismo linguístico inato, que, quando exposto ao meio, é ativado, desenvolvendo, dessa forma, as experiências verbais. Em se tratando do processo de aquisição da escrita é pertinente afirmar que o ambiente linguístico oral, entre outros, é fator que colabora para a aquisição da mesma. Portanto, as marcas da oralidade encontradas nas produções escritas dos informantes, aqui investigados, demonstram o importante papel do meio (*input*) nesse processo.

Diante desse resultado, é possível dizer que há, de modo geral, uma grande dificuldade do aprendiz em livrar-se das marcas da oralidade na

escrita. Isso indica que a sensibilidade a dados negativos (correções e instruções) não se mostram muito eficientes contra as interferências do sistema já conhecido pelo aprendiz – a língua falada –, que pode ser a via de acesso à GU, no caso de aquisição da escrita.

Por fim, pode-se dizer que os inúmeros desvios grafo-fonológicos verificados nas produções escritas de indivíduos em processo de aquisição são reflexos de um *input* de aquisição da escrita em que a presença de elementos da oralidade é significativa. Isso pode nos levar a prever que, quando (ou se) os elementos da escrita se tornarem mais abundantes nesse *input* esses desvios diminuirão.

REFERÊNCIAS

CHOMSKY, N, **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Praeger, 1981.

_____. **Knowledge of Language: its nature, origin and use**. New York: Praeger, 1986.

KATO, M. A. **No mundo da escrita**. São Paulo: Ática, 1995a.

_____. A Gramática do Letrado: Questões para a Teoria Gramatical. In: MARQUES, M. A.; KOLLER, E.; TEIXEIRA, J.; LEMOS, A. S. (orgs). **Ciências da Linguagem: trinta anos de investigação e ensino**. Braga: CEHUM (U. do Minho), 1995b

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. **Novo Manual de Sintaxe**. Insular: Florianópolis, 2004.

RAPOSO, E. P. **Teoria da gramática**. A faculdade da linguagem. Lisboa: Editora Caminho, 1992.